

RUA EDUARDO LANE

Decreto nº 92 de 13-03-1945

Decreto nº 94 de 16-05-1945

Decreto-lei nº 311 de 13-11-1945

Lei nº 98 de 03-11-1948

Formada pela rua 2 do Jardim Brasil

Início na rua Dom Pedro I

Término na rua Alberto Faria

Jardim Brasil

Obs.: O decreto 94/45 revogou o decreto 92/45 e ambos foram assinados pelo Prefeito Municipal, em Comissão, Perseu Leite de Barros. O decreto-lei nº 311/45 foi assinado pelo Prefeito Municipal Joaquim de Castro Tibiriçá e a lei nº 98/48 foi promulgada pelo Prefeito Miguel Vicente Cury.

EDUARDO LANE

Edward Lane nasceu em Dublin, Irlanda, em 1837 e faleceu em Campinas, em 26-março-1892, vitimado pela febre amarela. Orfão de pai e mãe, quando ainda criancinha, ficou entregue aos cuidados de pessoas amigas que o criaram. Passando para os Estados Unidos, fez seus estudos no ginásio "Stony Point", de Nova Iorque, fazendo o curso teológico no "Union Theological Seminary". Fez profissão de fé na Igreja Presbiteriana de "Stony Point". Em 1869 veio para Campinas acompanhando o reverendo George Nash Morton, célebre educador, e ambos fundaram nesse ano, o Colegio Internacional, estabelecimento que marcou época, pelos seus métodos pedagógicos e pelos novos horizontes que abriu ao ensino no Brasil. A fundação desse estabelecimento, constituiu o primeiro ponto de contato das missões cristãs norte-americanas com o ensino público do Brasil. Edward Lane aqui trabalhou durante 23 anos, mostrando-se amigo sincero e dedicado de Campinas. Cuidou dos doentes da cidade, e sempre montado em um pequeno burro, se fazia locomover por toda a Campinas e adjacências dando assistência aos seus clientes, em sua maioria, gente humilde e sem condições financeiras, de quem nada cobrava e ainda ajudava. Dotado de alto espírito público, propugnou por diversos melhoramentos urbanos, concretizando-os às suas expensas, a exemplo de prolongamento de linha de bonde e reforma de ponte para levantamento de nível de via pública. Quando da primeira terrível epidemia de febre amarela que grassou em Campinas, ao contrário daqueles que abandonaram a cidade medrosos do mal, aqui permaneceu de entregando por completo no combate à febre e se transformando de médico em enfermeiro, de enfermeiro a carregador, enfim um irmão de todos que necessitavam ajuda. E assim encontrou a morte, servindo aos homens e em poucos dias foi consumido pela mortal epidemia.



Decreto-Lei N. 311

DA DENOMINAÇÃO A LOGRADOUROS PÚBLICOS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. I, do decreto-lei federal n. 1.202, de 5 de abril de 1939,
DECRETA:

Art. 1.º — Passam a denominar-se, pela forma abaixo indicada, as seguintes ruas, avenidas e praças públicas constantes da respectiva planta rubricada pelo Prefeito, a saber:

RUA BARÃO DE PARANAPANEMA — antiga rua conhecida como Estrada da Baronesa, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Dr. Moraes Sales e termina na Rua Proença;

RUA LUIZ DALINCOURT — antiga Rua Seis, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SAINT HILAIRE — antiga Rua Cinco, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SILVA MANSO — antiga Rua Quatro, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA TENENTE GONÇALVES MEIRA — antiga Rua Dois, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA BARRO DE ANHUMAS — antiga Rua Um, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA DIGNA OLÍVIA PENTEADO — antiga rua conhecida como Travessa da Saudade, que começa na Praça Voluntários de 32 e termina na Rua Abolição;

RUA SILVA PONTES — antiga Rua Dois, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina junto à divisa dos terrenos do antigo Hospital de Isolamento;

RUA HIPÓLITO DA SILVA — antiga Rua Um, da Vila Marieta, que começa na Rua Dr. Betim e termina na divisa dos terrenos de propriedade de José Penteado;

RUA MORAIS NAVARRO — antiga Rua Cinco, da Vila Marieta, que começa na Rua Seis, da mesma vila, e termina na rua conhecido como Raulfo Sales;

RUA ALVARO VILACELIN — antiga Rua Quatro, da Vila Marieta, que começa na Rua Moraes Navarro (antiga Rua Cinco), e termina na rua conhecida como Raulfo Sales;

RUA FLORIANO CAMARGO PENTEADO — antiga Rua Cinco, da Chácara Vieira, que começa na Avenida da Saudade e termina na Rua Abolição;

RUA GENERAL LAURO SODRE — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, termina na divisa da mesma chácara;

RUA FRANCISCO DE ASSIS PUPO — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, após uma curva, à esquerda, termina nessa mesma rua;

RUA CADETE JOÃO TEIXEIRA — antiga Rua Quatro, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, abaixo da Rua Joaquim Vilac, e termina na divisa da vila do mesmo nome;

RUA CORONEL JOAQUIM MONTEIRO — antiga Rua Cinco, da Vila Teixeira, que começa na Rua Joaquim Vilac e termina na divisa da mesma vila;

RUA JANUÁRIO DE OLIVEIRA — antiga Rua Dois, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, acima da Rua Cadete João Teixeira (antiga Rua Quatro) e termina na Rua Joaquim Vilac;

RUA MAJOR LUCIANO TEIXEIRA — rua sem denominação, que começa na Rua General Bento Bicudo e, seguindo em direção normal a esta, termina na Rua Governador Pedro de Toledo, próximo à Rua do Café;

RUA PADRE CAMARGO LACERDA (Pai Abel) — antiga Rua Cinquenta e Sete, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Emilio Henking, termina na Rua Circular Quatro, do Jardim Chapadão;

RUA DR. SALVADOR PENTEADO — antiga Rua Cinquenta e Oito, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Padre Camargo Lacerda (antiga Rua Cinquenta e Sete), termina na Rua Rafael Sales;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 2

RUA ESPANHA — antiga Rua Cento e Dez, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Dr. Salvador Pentecado (antiga Rua Cinquenta e Oito), termina na Rua Alberto Sarmiento;

RUA ITALIA — antiga Rua Cento e Vinte e Nove, do Bonfim, que começa na divisa dos terrenos onde está situada a máquina de algodão de propriedade de Rafael & Cia, e, seguindo paralelamente à Rua Espanha (antiga Rua Cento e Dez), termina na Rua Germânia;

RUA DAS PALMEIRAS — antiga rua conhecida como Travessa Sorocabana, do Bonfim, que começa na Avenida Pedro de Toledo e termina na rua conhecida como Avenida Sorocabana;

AVENIDA FRANCISCO ELISIÁRIO — avenida sem denominação, conhecida como Avenida Sorocabana, do Bonfim, que começa na Rua Pereira Lima, junto à passagem superior da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, seguindo paralelamente à Avenida Governador Pedro de Toledo, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Fábrica João Jorge;

RUA REVERENDO EDUARDO LANE — antiga Rua Cento e Cinco, da Vila Nova, que começa na Rua Carolina Florence e termina na Rua Buarque de Macedo;

RUA CONSELHEIRO ANTÔNIO PRADO — antiga rua conhecida como Quinta Travessa, da Vila Nova, que começa na rua conhecida como Avenida Maria Lima e, seguindo em direção normal a esta, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Estação da Rádio Difusora de Campinas;

RUA DONA ANA GONZAGA — antiga Rua Setenta e Sete, do Guanabara, que começa na Rua Paula Bueno e, seguindo em direção normal a esta, termina nas proximidades do Canal do Saneamento;

RUA CAPITÃO FRANCISCO DE PAULA — antiga Rua Cento e Sete, do Cambuí, que começa na Rua Emilia Ribas, abaixo da Rua Santo Antônio e, seguindo paralelamente a esta, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA COMENDADOR TORLOGO DAUNTRE — antiga Rua Um, da Vila Cambuí, que começa na Rua Barreto Leme e termina na praça de retorno;

RUA DOS ALECRINS — antiga Rua Vinte e Uma, que começa na Rua Diogo Prado e, seguindo paralelamente à Rua Santo Antônio, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA CARLOS KAYSER — antiga Travessa A, do arruamento Mário Sidow, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na Rua Maria Montefio;

RUA LUIZ SILVEIRO — antiga Rua Sete, da Vila Marieta, que começa na rua conhecida como Ranulfo Sales e termina na Vila Paraíso;

RUA JOÃO EGÍDIO — antiga Rua Dez, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Avenida Washington Luiz;

RUA LEOPOLDO AMARAL — antiga Rua Ranulfo Sales, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Rua Dr. Betim;

RUA PADRE BERNARDO DA SILVA — antiga Rua Um, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA PROFESSOR ADALBERTO NASCIMENTO — antiga Rua Três, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ELIAS LOBO NETO — antiga Rua Cinco, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ARNALDO BARRETO — antiga Rua Sete, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. PINTO FERRAZ — antiga Rua Nove, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. BENIGNO RIBEIRO — antiga Rua Quatorze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório do arruamento;

RUA PAULO LACERDA — Antiga Rua Doze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. ALVES DO BANHO — antiga Rua Dez, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. CASSIANO GONZAGA — antiga Rua Oito, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 3

RUA DR. LAS CASAS DOS SANTOS — antiga Rua Seis, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. FRANCISCO POMPEU — antiga Rua Quatro, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA IMPERATRIZ LEOPOLDINA — antiga Avenida Maria Lins, (denominação popular), que começa na Rua Carolina Florence e termina na Avenida Brasil (Estrada dos Amarais);

RUA JOAQUIM GOMES PINTO — antiga Rua Beta, da Vila Progresso, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na praça de retorno;

RUA BERNARDINO DE SENNA — antiga Rua Um, da Vila Gagliardi que começa na Avenida da Saúde e termina na Rua Abolição;

RUA CAPITÃO FELIPE NERI — antiga Rua Dois, da Vila Gagliardi, que começa na Rua Bernardino de Sena e termina na praça de retorno;

RUA PADRE ANTÔNIO JOAQUIM — antiga Travessa Santa Teresinha (denominação popular), que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua Proença;

RUA DONA MARIA UMBELINA COUTO — antigo prolongamento da Rua Tiradentes, que começa na cerca da Companhia Mogiana, em continuação a Rua Tiradentes, e termina na divisa dos terrenos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora;

RUA COMENDADOR QUERUBIM URIEL — antiga Rua Quatro, do arruamento Bueno de Miranda, que começa na Avenida Silva Teles e termina na Avenida Orosimbo Mala;

RUA PADRE JOSÉ TEIXEIRA — a travessa da Vila Maria Ercília, que começa na Rua Barreto Leme e termina na Rua Benjamin Constant;

RUA PEDRO ALVARES CABRAL — antiga Rua Alfa, da Vila Isabel, que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua General Marcondes Saigado;

PRAÇA JOAQUIM TEIXEIRA — a praça formada pela influência da Rua Paula Bueno e Estradas de Anhumas e Mogi-Mirim;

PRAÇA COMENDADOR SOARES — antiga Praça Proença;

RUA IRMÃ ANA JUSTINA — antiga Rua Guedes Barreto (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

RUA CONSELHEIRO GOMIDE — antiga Rua Correia de Lemos (ato de 7 de novembro de 1903);

RUA DONA JOSEFINA SARMENTO — antiga Travessa Maria Monteiro. (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

LARGO DAS ANBORNIHAS — antiga Praça Heitor Penteado (resolução n. 707, de 8 de março de 1923);

PRAÇA DR. HEITOR PENTEADO — a praça inicial da futura Avenida Dr. Campos Sales, no cruzamento dessa avenida com as de Ligação e Rua Onze de Agosto;

PRAÇA DONA JÚLIA LOPES — o trecho da Praça Ramos de Azevedo, compreendido entre as Ruas Marquês de Três Rios, Saldanha Marinho e Dr. Silveira Lopes;

RUA IRMÃOS BIERREMBACH — antiga travessa do mesmo nome (edital de 12 de setembro de 1927);

RUA ALFERES PAULA NOGUEIRA — rua conhecida como Travessa Irmãos Bierrembach, que começa na Rua Irmãos Bierrembach e termina na Rua Olavo Bilac;

RUA DIOGO PRADO — antiga Rua Dioguinho (ato n. 25, de 29 de junho de 1931).

Art. 2.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro de 1945.

JOAQUIM DE CASTRO TIBIRIÇA

Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1945.

O Diretor,

ADMAR MAIA

(Aprovado pela resolução n. 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo).



Decreto N. 94, de 1945

REVOGANDO O DECRETO N. 92, DE 13 DE MARÇO DE 1945

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. III, do decreto-lei federal n. 1.202, de 3 de abril de 1939,

D E C R E T A :

Art. 1.º — Fica revogado o decreto n. 92, de 13 de março de 1945.

Art. 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Paço Municipal de Campinas, aos 16 de maio de 1945.

P. LEITE DE BARROS

Prefeito Municipal, em Comissão

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 16 de maio de 1945.

O Diretor,
ADMAR MAIA

RUA EDUARDO LANE



DR. EDUARDO LANE

Eis aqui uma figura que fez de sua missão missionária um motivo de serviço à terra que o acolhera. Um homem que a Campinas prestou o melhor de sua vida e de suas energias. Missionário presbiteriano, radicou-se nesta cidade disposto a devotar-lhe o que melhor possuísse nos tesouros do coração, a inteligência, no espírito de sacrifício. Identificou-se de tal maneira com a terra de sua nova adoção, que lhe estudou todos os aspectos, e, entre eles, o do desenvolvimento urbano. Foi o primeiro a prever o crescimento da cidade em direção do Guanabara e alto do Chapadão, e isto ainda no último quartel do século passado. Amou estes céus com tal grandeza e elevação afetiva, que se fez respeitado por quantos o conheceram. Mas a prova maior dessa grande alma que vivia no rev. dr. Eduardo Lane veio no fim de sua vida, isto é, na forma como se entregou por completo na hora em que a desventura e a desgraça caíram sobre Campinas. Foi por ocasião da primeira e terrível epidemia da febre amarela. A doença dizimava a cidade de ponta a ponta. Ficar nela era a iminência de ser condenado. Campineiros fugiam para longe, para muito longe. Casas ficavam desertas, num prenúncio de cemitério.

- "Dr. Lane, o sr. não vai?" perguntaram-lhe um dia.

- "Campinas me deu tantos dias maravilhosos... Sob estes céus recebi de Deus tantos bens, e como abandonar tudo agora, justo no instante mais rude das tribulações?!"

E não foi. Esteve em Campinas e para Campinas. Foi tudo: médico, enfermeiro, carregador - um irmão de todos!

A morte o encontrou assim: servindo aos homens como o seu Senhor lhe ordenara. Amou-os até o fim. A febre amarela o consumiu em poucos dias, e tão só estava em meio do geral sofrimento que a morte o colheu quase às escondidas.

Tal o homem cujas cinzas se misturam com a terra à qual misturou, antes de tudo, o calor do grande coração.

(Extraído de um trabalho de autoria do jornalista Santos Junior, intitulado "Eles vivem na Saudade e na Veneração de Campinas...", estampado no jornal "Correio Popular", de 02-novembro-1952).



Lei N. 98, de 3 de novembro de 1948

Dá o nome de "Eduardo Lane" a uma rua da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "Eduardo Lane" a rua 2 do Jardim Brasil, situada entre as ruas D. Pedro I e rua 1.º de Março e cancelada a denominação do mesmo nome da travessa da Vila Nova a que se refere o Dec. n. 92 de 13 de março de 1945.

Artigo 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 3 de novembro de 1948.

MIGUEL VICENTE CURY
Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal,
em 3 de novembro de 1948.

O Diretor-Substituto,
ÁLVARO FERREIRA DA COSTA



EDUARDO LANE, REVERENDO — Rua (Edward Lane, dr.)

Começa na rua Alberto Faria e termina na D. Pedro I, no JARDIM BRASIL.

A primeira denominação foi dada pelo Decreto n. 92 de 13 de março de 1945, para a antiga rua Cento e Cinco da Vila Nôva, com início na rua Carolina Florence e fim na rua Buarque de Macedo. A denominação definitiva foi dada pela Lei n. 98, de 3 de novembro de 1948, porém, para a rua até então conhecida como rua 2 do Jardim Brasil, ficando cancelada a denominação anteriormente dada à travessa da Vila Nova, a que se refere o Dec 92, de 13 de março de 1945. Tem 12 metros de largura.

DADOS BIOGRÁFICOS:

O Reverendo Dr. Edward Lane nasceu na Capital da Irlanda, em Dublin, em 1837, e faleceu aqui em Campinas, em 26 de março de 1892, vitimado pela Febre Amarela.

Órfão de pai e mãe, desde criança, ficou entregue ao cuidado de pessoas amigas que o criaram. Passando para os Estados Unidos, fez seus estudos no ginásio "Stony Point", de Nova York, fazendo o curso teológico no "Union Theological Seminary". Fez profissão de fé na Igreja Presbiteriana de "Stony Point".

Sobre Edward Lane (conta-nos a Comissão Especial do Centro de Ciências, Letras e Artes, constituída dos srs. dr. Celso da Silveira Rezende, Professor Celso de Camargo Ferraz e João Batista de Sá (Jolumá Brito):

"... Em 1869, veio para Campinas acompanhando o Revmo. George Nash Morton, notável e célebre educador, e ambos fundaram, nesse ano, o "Colégio Internacional", estabelecimento que fez época, pelos seus métodos pedagógicos e pelos novos horizontes que abriu ao ensino no Brasil. A fundação do Colégio Internacional, de Campinas, em 1869, constituiu o primeiro ponto de contato das missões cristãs norte-americanas com o ensino público no Brasil.

Edward Lane trabalhou no Brasil, durante 23 anos, tendo sido um amigo sincero e dedicado de Campinas. Homem dotado de alto espírito público sempre esteve pronto a concorrer para os melhoramentos da cidade. O prolongamento da antiga linha de bondes para o Guanabara, e uma reforma na ponte da rua Major Solon, encontraram nêle um ativo propugnador. A reforma e o levantamento de nível da ponte, da antiga rua da "Pinga", hoje, Santa Cruz, sobre o Córrego Anhumas, para beneficiar as nascentes d'água ali existentes e que estavam ameaçadas de desaparecer, em virtude da falta de esgotamento das águas pluviais ir, pouco a pouco, transformando o local em brejo, foram feitas por iniciativa dêle, e inteiramente à sua custa, conforme proposta feita à Câmara Municipal, em 21 de julho de 1879".

Diz uma pequena biografia do dr. Edward Lane, escrita em inglês por Mildred Welch: "... Com o bom humor de Francisco de Assis, êle, às vezes, chamava ao seu burrinho seu irmão missionário".

O Dr. Lane tinha um burrinho branco que foi seu fiel condutor nas viagens evangélicas.

Pois bem. O burrinho envelheceu, tornou-se imprestável para o trabalho, que era longo, duro, difícil, em constantes e aturadas viagens, sob um sol ardente e sobre areias escaldantes, passando cavaleiro e burro dias inteiros sem comer...

Edward Lane, porém, que estimava o seu constante e fiel amigo, aposentou-o, deixando-o às soltas no pasto durante o dia e recolhendo-o à tarde em cômoda cocheira em cuja manjedura havia fartura de fubá: porque, dizia êle: "O coitadinho não tem mais dentes para triturar o milho".

ALACOR MALTA GUIMARAES

B. P. M. Prof. F. M. Zink
Documentário de Campinas



RUA EDUARDO LANE



DR. EDUARDO LANE

Eis aqui uma figura que fez de sua missão missionária um motivo de serviço à terra que o acolhera. Um homem que a Campinas prestou o melhor de sua vida e de suas energias. Missionário presbiteriano, radicou-se nesta cidade disposto a dedicar-lhe o que melhor possuísse nos tesouros do coração, na inteligência, no espírito de sacrifício. Identificou-se de tal maneira com a terra de sua nova adoção, que lhe estudou todos os aspectos, e, entre eles, o do desenvolvimento urbano. Foi o primeiro a prever o crescimento da cidade na direção do Guanabara e alto do Chapadão, e isto ainda último quartel do século passado. Amou estes céus com tal grandeza e elevação afetiva, que se fez respeitado por quantos o conheceram. Mas a prova maior dessa grande alma que vivia no rev. dr. Eduardo Lane veio no fim de sua vida, isto é, na forma como se entregou por completo na hora em que a desventura e a desgraça caíram sobre Campinas. Foi por ocasião da primeira e terrível epidemia da febre amarela. A doença dizimava a cidade de ponta a ponta. Ficar nela era a iminência de ser condenado. Campineiros fugiam para longe, para muito longe. Casas ficavam desertas, num prenúncio de cemitério.

— "Dr. Lane, o sr. não vai?" perguntaram-lhe um dia.

— Campinas me deu tantos dias maravilhosos... Sob estes céus recebi de Deus tantos bens, e como abandonar tudo agora, justo no instante mais rude das tribulações?!

E não foi. Esteve em Campinas e para Campinas. Foi tudo: médico, enfermeiro, carregador, — um irmão de todos!

A morte o encontrou assim: servindo aos homens como o seu Senhor lhe ordenara. Amou-os até o fim. A febre amarela o consumiu em poucos dias, e tão só estava em meio do geral sofrimento que a morte o colheu quase às escondidas.

Tal o homem cujas cinzas se misturaram com a terra à qual misturou, antes de tudo, o calor do grande coração.

(Extraído da reportagem "Eles Vivem na Saudade e na Veneração de Campinas...", de autoria do jornalista Santos Junior, estampada na edição nº 7356 do jornal "Correio Popular" de Campinas de 02-novembro-1952)



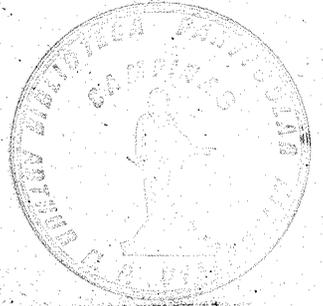
NO GIRO DO TEMPO

O DIA A DIA DA CIDADE DE HA TRINTA ANOS
NO NOTICIÁRIO DO "CORREIO POPULAR"

No dia 29 de novembro de 1948, entre outras notícias locais, publicou o "Correio" as seguintes:

INAUGURAÇÃO DE PLACA DA RUA EDUARDO LANE

O Legislativo Campineiro decretou e o sr. prefeito Miguel Vicente Cury promulgou a Lei n.º 175, denominando "Eduardo Lane" a Rua 2, do Jardim Brasil, situada entre as vias L.º de Março e D. Pedro I no bairro do Guanabara. A inauguração da placa da Rua Eduardo Lane está anunciada para amanhã às 17 horas, sendo orador o rev. prof. Júlio de Andrade Ferreira, lente da Escola Normal "Carlos Gomes" e da cadeira de teologia da Faculdade Presbiteriana de Campinas. Aproveitando o ensejo, rememoremos em traços largos a vida e a obra do cidadão extinto, que se homenageia com uma placa de via pública em nossa cidade: — Irlandês de nascimento, Eduardo Lane veio para o Brasil no ano de 1869, radicando-se desde logo em Campinas. Portador de vasta cultura teológica, era ao mesmo tempo pregador e educador. Junta-mente com o rev. G. N. Morton, fundou em Campinas o Colégio Internacional e anexo o templo presbiteriano "Independente". Quando em 1892 a "Princesa D'Oeste" foi assolada pela segunda epidemia de febre amarela, o rev. Eduardo Lane como um bom samaritano, não se furtou a prestar socorros aos enfermos sem recursos e consolo aos aflitos, até o instante em que também ele veio a tornar vítima do terrível flagelo. Faleceu no dia 26 de março de 1892. A homenagem que hoje se presta, pois, a sua memória e das mais justas.



O "Collegio Internacional"

E SEUS FUNDADORES

(PRIMORDIOS DO ENSINO NORTE-AMERICANO NO BRASIL.)

Ha uma particularidade que, de inicio, dá relevo historico á fundação do *Collegio Internacional*, em Campinas, no anno de 1869 — este foi a primeira das grandes escolas estabelecidas pelos missionarios evangelicos na America do Sul.

A *Escola Americana* de São Paulo e a *Escuela Popular* de Valparaiso, fundaram-se em 1870, o *Instituto Internacional* de Santiago, de Chile, em 1873, e as demais que existem, no Brasil e em varios paizes, são de data posterior.

Assim, o grande collegio americano de Campinas é, de facto, o marco historico do contacto intellectual e espirital do elemento saxonio com o latino em nosso continente, no terreno da instrucção. E' uma das componentes do pan-americanismo em seu largo aspecto social, extreme de sentido politico.

Na historia da pedagogia, no Brasil, marca tambem o instituto campineiro a era em que as idéas fecundas de Mann e a disciplina e os methodos escolares norte-americanos começaram definitivamente a influir no ensino publico e particular na America Latina.

Deve-se ao dr. Robert L. Dabney, fallecido ha alguns annos, a vinda ao Brasil de George Nash Morton e Edward Lane, pioneiros da causa evangelica nesta zona.

O dr. Dabney foi conspicua figura da comunidade evangelica nos Estados Unidos, professor de theologia em um dos mais reputados seminarios do sul, escreveu muitas obras didacticas, algumas das quaes são ainda hoje apreciados expositores de dogmatica e de rhetorica sagrada, na faculdade theologica protestante installada actualmente no *Collegio Internacional*.

Quando rebentou a guerra civil nos Estados Unidos, o dr. Dabney incorporou-se ao exercito confederado e pertenceu, como capellão e chefe do estado-maior, á celebre brigada do general Jackson, que, por sua brilhante firmeza em uma batalha renhida, sustentando com tenacidade violenta carga do inimigo, passou á historia com o nome de *Stonewall* (muralha de pedra).

Terminada a guerra, uma colonia americana de sulistas emigrou para o Brasil, originando-se d'ahi o estabelecimento dos grupos de norte-americanos em Santa Barbara, bem como em outras localidades. Alguns ministros evangelicos, que serviam de pastores aos emigrados, vieram para aqui, afim de dar os soccorros da religião aos colonos acatholicos.

Encontra-se, na localização dos emigrados norte-americanos, no municipio de Campinas, o elemento de suggestão que determinou a escolha desta cidade para séde da nova missão da Igreja Presbyteriana dos Estados Unidos — sulista, quando em 67, ou 68, o dr. Roberto L. Dabney agitou no concilio superior (Assembléa Geral) a idéa de fazer sua igreja propaganda no Brasil.

Até o inicio da guerra civil as associações missionarias nos Estados Unidos tinham geralmente suas missões em commum. Mas o estado bellico impediu que por varios annos se reunissem os judicatorios ecclesiasticos, com representantes de ambos os elementos em armas, d'isso resultando que os concilios ecclesiasticos organizaram sua administração independentemente.

Assim, o organ administrativo das missões, no sul dos Estados Unidos, o *Commettee of Foreign Missions* da Igreja Presbyteriana, recebeu a suggestão do dr. Robert L. Dabney para o effeito de enviarem-se missionarios ao Brasil, na zona em que a amenidade do clima tornava possivel o estabelecimento de uma escola, sob a protecção de leis liberaes e sob um regimen de tolerancia religiosa, como o que tornou illustre no estrangeiro o nome de D. Pedro II.

(Extraído da "Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas" nº 44 e 45; de 30-09 e 31-12-1916, Ano XV, Fascículos III e IV - tipografia Casa Genoud - Campinas, SP)



GEORGE N. MORTON

Primeiro foi enviado ao Brasil o rev. George Nash Morton, para estudar o paiz, regressando aos Estados Unidos em Novembro de 1868. A Morton deve-se a escolha definitiva de Campinas para sede da missão no sul do Brasil. A 22 de Junho de 1869, embarcou em Baltimore com destino a esta cidade Mr. Morton e Mr. Edward Lane, chegando em Setembro a Campinas.

George Nash Morton era oriundo de familia antiga e aristocratica do Estado de Virginia, onde se encontram as tradições mais cavalheirescas dos Estados Unidos. Isso explica satisfatoriamente, a par de uma cultura scientifica invejavel, como lhe assentavam qualidades fascinadoras e como um estrangeiro chegou a captar rapidamente o affecto e a confiança de quantos d'elle se aproximaram.

Edward Lane era irlandez de origem, e de predicaes notaveis, força de vontade, perspicacia e virtudes que ainda hoje fazem suave a memoria de um dos homens mais emprehendedores que têm habitado esta cidade.

Tendo recursos proprios, elle aqui empregou os pequenos cabedaes de sua familia, radicando-se, assim, na terra onde veiu trabalhar.

E em sua vizinhança, não houve plano de melhoramentos, nem serviço

publico que sollicitasse a boa vontade dos cidadãos, a que Edward Lane não prestasse logo concurso. O prolongamento da antiga linha de bonds para o Guanabara contou nelle um dos grandes propugnadores. Tinha Lane o condão de fazer-se apreciar e estimar pelos homens de maior representação e prestigio, em todos os logares que frequentava, tanto como nesta cidade onde residia.

Sua figura conspicua, seu espirito energico e a posição que occupava, como decano da missão de Campinas, concorreram para tornal-o muito mais conhecido e popular que outros seus companheiros.

Não tinha, porém, o *padre* Lane como programma especifico de seu trabalho a direcção do *Collegio Internacional*, nem parte no ensino, a não ser na regencia de aulas de theologia, em que se formaram alguns dos continuadores brasileiros de sua obra de propaganda evangelica. De seus discipulos, o mais notavel é indubitavelmente o revmo. Alvaro Emygdio Gonçalves dos Reis, actual pastor da principal egreja do Rio de Janeiro.

Em muitas localidades do interior do Estado, encontram-se os vestigios de Edward Lane, um dos grandes propagandistas do Evangelismo no interior do Brasil.

Em sua communitade, o dr. Edward Lane occupou saliente posição, sendo eleito *vice-moderador* (vice-presidente) do concilio superior em 1888, por occasião de organizar-se o Synodo Geral de sua egreja no Brasil. Cumpriu-lhe, por morte do dr. A. L. Blackford, abrir a segunda reunião do concilio em 1891.

Em fins de Março de 1892, em S. Paulo correu a noticia de que o dr. Edward Lane agonizava em Campinas. Veiu apressadamente visital-o seu homonymo o illustre educador e clinico dr. H. M. Lane, fundador do *Mackenzie College*, de S. Paulo. A 26 de Março de 1892, cessou Edward Lane seus labores, victimado por febre amarella.



EDWARD LANE

Foi no *Collegio Internacional* a terceira victima do morbo que devastou esta cidade.

Em 1889, o rev. G. W. Thompson, que aqui viera de Bagagem, para tratar dos que haviam enfermado, fallecera dentro de poucos dias. Em 1890, caíra o sobrinho do dr. Robert L. Dabney, rev. John W. Dabney, que em 1879 succedera a George N. Morton na direcção do collegio.

* * *

Entre as mais vividas e remotas recordações da infancia, resaltam em meu espirito a lembrança de uma recepção dada no *Collegio Morton* em S. Paulo, e de um serviço religioso profundamente emocionante em que o notavel mestre expoz os horrores da perseguição soffrida pelos hebreus na Russia.

Devia ser por volta de 1880, ou 81.

Era, para mim, uma delicia quando meu Pae, J. R. Carvalho Braga, então professor do *Collegio Morton*, me levava á chacara da Consolação onde, junto á antiga igreja, fôra magnificamente installada a notavel escola.

Como e por que George Nash Morton deixou a direcção do *Collegio Internacional*, em Campinas, é um ponto para mim obscuro. E' de suppor que divergencias, quanto aos planos de di-

recção escolar e quanto ao regimen religioso da escola, determinaram a exoneração de Morton. Da planta original do *Collegio*, que dava ao edificio tres vezes as dimensões actuaes, no mesmo estilo de architectura, desprehende-se que George Nash Morton havia «riscado largo». Isso mesmo se desprehende de certas publicações na *Provincia de S. Paulo*, em Novembro de 1879.

* * *

Abertas as aulas do *Collegio Internacional* em 1870, já em 1871 Edward Lane fazia rapida viagem aos Estados Unidos, regressando logo em companhia de sua esposa e deixando combinadas as nomeações de professoras que vieram estabelecer a escola de meninas, *misses* Nannie Henderson, de saudosa memoria, e Mary Videau Kirk, chegadas ao Brasil em 1872.

Dez annos depois, 1882 *miss* Charlotte Kemper, uma das professoras mais illustradas que têm trabalhado no Brasil, vinha estabelecer-se na secção feminina do *Collegio Internacional*. Ainda vive, em Lavras, a veneranda senhora.

Basta encontrar um dos antigos alumnos de Morton, e falar-lhe dos tempos aureos do grande estabelecimento campinheiro, e ter-se-á a medida da influencia que aquelle homem exercia sobre o discipulos.

Em um curioso volume, em que se acham os trabalhos literarios de alumnos e professores do *Internacional*, entre 76 e 77, vê-se como, nas associações collegiaes, nas festas escolares, no convivio intimo de professores e alumnos, formava-se então aquelle espirito de escola, tão notavel em outras terras e quasi inteiramente desconhecido em nosso ambiente.

A apresentação dos *Ensaios Literarios*, do *Collegio Internacional*, foi feita em Janeiro de 1876 por F. Rangel Pestana, o grande jornalista republicano. Entre outros escriptos, em prosa e verso, destacam-se alguns com as assignaturas de Antonio Bittencourt, Alonso G. Fonseca, Orosimbo Amaral e Heliodoro Costa.



O que era a alma e o ambiente do *Collegio Internacional*, sob a direcção de Morton, dizia-o Rangel Pestana:

«Penso desassombrado no futuro da provincia de S. Paulo, todas as vezes que assisto a uma festa no *Collegio Internacional*, de Campinas; parece que minha alma rasga para si propria novos horizontes, e, d'ahi, eu meço o porte respeitavel dos homens que hão de succeder aos enfezados politicos do presente.»

Alguns nomes em evidencia, na vida social e politica do paiz e de S. Paulo, justificam, ao menos em parte, as sanguineas palavras do velho republicano. Na década de 70 a 80 foi consideravel o numero de estudantes paulistas, da zona do Oeste, que foram aos Estados Unidos, provavelmente mediante facilidades e estimulo dados pelo *Internacional*. As folhas de época registam a partida dos que saiam de Campinas para a America do Norte, com o intuito de lá completarem a educação.

Lendo-se as considerações introductorias aos prospectos do collegio, percebe-se que Morton manteve com o meio inerte e com a desorganização official do ensino, ou antes com o systema de exames então vigente, uma tenaz lucta. No de 1877, deparam-se-nos os seguintes paragrafos:

«Após quatro annos e meio de dura experiencia, convenceu-se o director de que é impossivel combinar um curso de estudos liberal, aprofundado e progressivo com o actual systema de exames. *Emquanto não houver modificação de tal systema, os collegios particulares ficam condemnados a ensinar unicamente as materias exigidas nas academias — e isso superficialmente*».

O grande educador diagnosticou magistralmente o mal da espinha de nosso systema escolar. E ainda estamos, em principio, no mesmo em que estavamos ha 39 annos! Ainda os *clientes* da instrucção preparatoria preferem a uma educação liberal, o preparo super-

ficial e minimo para os exames exigidos pelas academias, e o poder publico, em nome de economias forçadas, cerceia os beneficios do curso gymnasial.

Annos após, conversando com um brasileiro em New York, Morton, ao ouvir que no Brasil havia gymnasios e que os collegios particulares eram reconhecidos por lei, referia-se com pesar ás luctas que mantivera, em plano superior, com o governo central para a consecução desse privilegio.

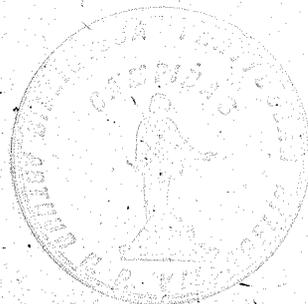
O programma primitivo de Morton visava, graduando cuidadosamente os cursos e fazendo-os telescopicos, crear em Campinas o primeiro estabelecimento de typo universitario no Brasil. A cousa funcionou bem até o fim do curso secundario. A cupidez utilitaria, a carreira desesperada pelo ganha-pão e a pressa de ficar *doutor*, até o presente tão caracteristicas de nosso meio escolar, impossibilitaram a Morton a realização de seu sonho.

Sua transferencia para S. Paulo foi um méro episodio no desenvolvimento desse programma. Mas o proprio exito de seu ensino produziu-lhe a mais amarga desillusão — os melhores alumnos, depois de obter distinctamente a *minima* exigida pelas academias officiaes, abandonavam-lhe o curso complementar de educação liberal e corriam em pós do ambicionado diploma de bacharel, sem desejar o beneficio melhor de um preparo fundamental, mais largo e mais solido.

Comparem os entendidos com os actuaes programmas de preparatorios e de ensino gymnasial o programma de Morton, que damos a seguir.

Os cursos elementar o intermediario estavam distribuidos em quatro escolas, admiravelmente graduadas e progressivas. A primeira subdividia-se em quatro *fôrmas*, correspondendo á *grammar school* americana. As tres escolas seguintes comprehendiam o ensino das materias propedeuticas, incluindo o allemão, o grego e as mathematicas.

O curso superior seria de cinco annos, desenvolvendo o estudo de linguas



gradativamente no das varias literaturas, introduzindo o estudo de sciencias physicas e naturaes, philosophia, apologia do Christianismo, economia politica, chimica agricola, historia da philosophia e da civilização, direito publico e hebraico (facultativo). As mathematicas superiores incluíam a geometria analytica, descriptiva, calculo e astronomia.

Morton, homem de admiravel cultura moral e intellectual, era um grande tecnico em pedagogia, mas idealista. Por isso mesmo não era grande administrador.

Máus negocios, complicações com uma companhia, que entrou em crise entre 82 e 84, levaram-n'o a uma liquidação desastrosa de seu collegio em S. Paulo e consequente retirada para os Estados Unidos.

* * *

Transferido a capital, George Nash Morton encontrara na *Provincia de S. Paulo* um vehiculo para idéas favoritas.

Ali publicou elle, a 14 de Novembro de 1879, suas despedidas a Campinas, agradecendo o acolhimento que este povo hospitaleiro dera, havia dez annos, a um moço estrangeiro, propagandista de uma religião diversa da generalidade do povo. Então, retirava-se para S. Paulo: perdera a mocidade; em religião continuava o mesmo que sempre fôra, mas o estrangeiro consubstanciava-se com a terra amiga que o acolhera e o absorvera.

O *Collegio Morton* abriu as respectivas aulas em S. Paulo a 7 de Janeiro de 1880. Seu fundador sonhava transformal-o em uma escola superior de philosophia e letras. Em série de artigos brilhantes, a *Provincia*, de Rangel Pestana, expunha ao publico em termos encomiasticos os grandes planos do educador americano.

Em 2 de Fevereiro de 1880, num *communicado* á *Provincia*, Morton apresentava ao elemento culto de S. Paulo uma critica do *Positivismo*, que então attrahia e fascinava os intellectuaes. Logo, a 3, Americo de Campos respon-

dia com um artigo pugnaz, e, dias depois, travou-se uma interessante polemica entre Morton e o dr. Luiz Pereira Barreto, o mais bravo campeão do *comtismo*.

A discussão interessou vivamente o elemento culto da sociedade paulistana.

Espirito delicado, Morton era respeitador das convicções alheias e tolerante; mas nunca deixou de manter, com franqueza e sem tergiversações, seus principios religiosos. Frequentava o pulpito da egreja, que então celebrava o culto na sala principal da *Escola Americana*, e não dissimulou jámais as côres de sua bandeira religiosa.

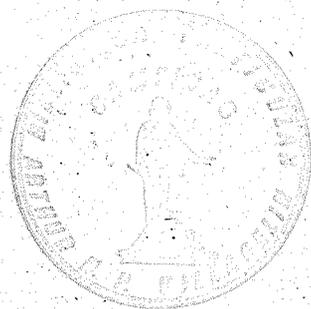
* * *

A ultima noticia certa de George Nash Morton, que ha. é a de uma carta do dr. J. C. Alves de Lima, escripta de New-York, a 2 de Junho de 1907, e publicada no *Diario Popular*, de S. Paulo, de 10 de Julho do mesmo anno.

Numa festa da sociedade academica *Zeta Psi*, no *Hotel Astor*, nosso patricio, ao banquete, sentou-se, por acaso, junto de um genro de Morton. Assim, descobriu elle a residencia do velho professor á 93 rd. W. St. n.º 44, onde vivia Morton, bem conservado e no ple-goso de suas faculdades mentaes, operoso, em companhia da esposa e duas filhas.

Ao dr. Alves de Lima pediu novas da familia do finado Antonio Augusto da Fonseca, da familia Ralston. Ignorava ainda o passamento de Rangel Pestana e de Americo Brasiliense. Disse que, em seu tempo, considerava a Campos Salles como o *homem mais forte* do grupo de republicanos de Campinas. Referiu-se a duas senhoras de destaque em S. Paulo, d. Veridiana Prado, em cuja chacara elle tivera collegio, e d. Maria Antonia, filha do barão de Antonina, a primeira dama da aristocracia paulistana que se filiou á egreja evangelica.

Na mesma carta, o dr. J. G. Alves de Lima contava que Morton havia. num discurso pronunciado no banquete offerecido ao almirante Bacellar, na agen-



cia do *Lloyd*, em New York, feito referencias a Prudente de Moraes, Campos Salles, Francisco Glycerio, José Maria Lisboa e outros.

Do Brasil e dos brasileiros guardava o velho pedagogo saudosas recordações, e suas filhas mostravam desejo de conhecer o paiz em que nasceram.

Posteriormente, houve noticia vaga de que, não obstante alquebrado, continuava em trabalho o propagandista da educação liberal no Brasil.

Ha cerca de dous annos, informes exactos davam conta do fallecimento da viuva Edward Lane, nos Estados Unidos, sobrevivendo-lhe seu filho Edward, que mantem ainda intenções de vir á cidade natal, e guardam-se na bibliotheca da Faculdade de Theologia volumes que pertenceram a seu venerando pae, esperando que o filho os reclame como preciosas reliquias.

Além de umas lapides funerarias, de umas personagens longinquas, que a distancia e o tempo circumdaram de nevoas, subsistem, como suaves e preciosas lembranças desses homens admiraveis, que aqui andaram labutando, o halo de seus caracteres, os idéaes que elles accenderam na alma de muitos discipulos.

E homenagem maior se lhes póde prestar que essas — como no livro de visitas escrevem, com os olhos envidrados pelas saudades de uma adolescencia que não volta — os antigos alumnos do collegio que o revêm. Permitta-se uma piedosa indiscreção, e sobre a assignatura do senador José Pereira de Queiroz, lerá quem visitar o antigo prédio da escola tradicional, estas palavras significativas :

« Que emoção me causa esta visita ! Quanta saudade ella me evoca, de mais de quarenta annos ! Aqui comecei a cultura de meu espirito. D'aqui levei os alicerces de meu character. Para tudo tanto concorreu G. N. Morton, — protótypo do educador. »

ERASMO BRAGA.